

Ataegina uma divindade Paleohispânica

Ataegina one Paleohispânica divinity

Cristina Maria Grilo Lopes*

*Portugal, Arqueóloga pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); Mestre em Património Público, Arte e Museologia, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL). E-mail: clop99@gmail.com

Artigo submetido a 30 de maio
e aprovado a 14 de junho 2014

Resumo: Este trabalho pretende contribuir para analisar alguns aspetos relacionados com a divindade Paleohispânica Ataegina. Esta divindade surge-nos como um caso excecional no ocidente peninsular, sob diversos aspetos e este trabalho visa abordar as especificidades conhecidas que se afiguram mais relevantes, bem como algumas das perspectivas que os diversos autores têm trazido a lume. São desenvolvidas reflexões sobre o culto que lhe foi dedicado em Mérida, aproximada a Proserpina, enquanto situação particular e ligada às elites emeritensis e à sua apropriação do *Lucus Feroniae*.

Palavras chave: Povos Indígenas / Tenetehara / Mitologia / Ritual / História.

Abstract: *This work seeks to contribute to analyze some aspects related to the Paleohispanic divinity Ataegina. This divinity emerges as an exceptional case in western Iberian Peninsula, in many aspects and this work aims to address the known specificities that seem most relevant as well as some of the prospects that several authors have brought to light. Reflections are developed on the cult dedicated to her in Merida, approximate Proserpina, while private and linked to Merida elites and their ownership of the Lucus Feroniae.*

Keywords: *Ataegina / Paleohispanic Divinity.*

Introdução

Desde logo há que sustentar que se trata de uma divindade peninsular pré-romana e que apesar de haver diversas linhas de investigação em que a organização desses reportórios se orienta por princípios muito distintos, toda a sistematização assenta em critérios essencialmente linguísticos. Uma vez que são estes que determinam por via da regra, a integração das diferentes entidades nos respetivos grupos. Esta postura, com já largos antecedentes, levou inclusive muitos investigadores a crerem que se poderia aceder ao conhecimento da própria natureza das divindades, através do significado do teónimo. No entanto vários estudiosos como Unterman (1985: 356) ou Hoz (1986: 33-37) alertaram para as dificuldades e carácter limitativo destas abordagens. Da sua análise linguística podemos constatar que esta divindade peninsular surge com designações variadas na sua nomenclatura como *Ataegina/Ataecina/Adaecina/Adaegina* ou também com a variante com 2 *tt* ou 2 *dd*, na sequência é usual encontrar-se o epíteto *T* ou *Turibrig* ou *Dea Domina Sancta*, assim podemos encontrar ainda:

daeae sanctae Turibrige
d(eae) d(ominae) s(anctae) Turibri
d(eae) d(ominae) s(anctae) T(---) A(taecinae)
deae Ataecinae Turobrigae (s)anctae
dea Ataecina Turibrig(ae?) Proserpina

d(eae) Ate(cinae) Proserpinae Tu(---)
 d(eae) d(ominae) (T)uri(b)ri
 (d)o(minae) s(anctae) Tur(---) A(taecinae)
 do(minae) d(eae) s(anctae) turibri(g)e AdeGINE
 domina (A)ttaegina (T)urubrigae
 dominae Turibri (A)deginae
 (T)uribri A(t/d)ecin(ae)

Pelo atrás exposto parece que a forma original seria Turibriga, Plínio o velho fala de uma Torobriga e localiza-a na Betúria, mas na atualidade não há consenso quanto ao seu paradeiro. Na época de Leite Vasconcelos conhecia-se as fontes clássicas e já havia dispersão de achados (sem Alcuéscar). O que impressionou Vasconcelos foi não só a dispersão, a variação da escrita, mas também o epíteto. Dea Sancta (quando aparecia só com esta designação era considerada Ataegina), uma vez que de maneira geral a conjugação dos dois determinativos – *sanctus* e *dominus* – é rara para outras divindades. O teónimo com o sufixo “cina” ou “gina” pouco comum, Leite Vasconcelos entendeu que este era o radical e analisou ATAE (repetição, como partícula de reforço), GINA – indo-europeu que procede de GENOS – a renascida. Interpretou-a como ligada a natureza e à Primavera, o renascimento da terra, não só pela filologia mas também porque esta associada a *Proserpina* (versão latina de *Perséfone*) Teria sido adoptada em Mérida a partir de Turobriga e daí ter-se-ia distribuído por toda essa zona da Lusitânia, devido a deslocações de indígenas sobretudo enquanto. *Ataegina Turibrig Proserpina* (Garcia Bellido 2001: 55- 58).

A análise que podemos fazer de Turobriga ou Turibriga a partir do texto Pliniano é de um espaço demarcado com algumas casas, talvez um *vicus* ou simples *pagus*, situado no território de um município ou colónia, razões pelas quais não terá deixado vestígios que permitam encontra-lo até à atualidade. No entanto o seu santuário regional teria tido uma importância considerável em época pré-romana, importância essa que transitou para a romanidade. É a única divindade paleohispânica que existe cultuada fora da Península Ibérica. E só Ilurdeda, outra divindade paleohispânica feminina terá também peregrinado, mas com um número muito inferior de epígrafes.

É uma divindade feminina e o seu culto encontra-se disperso por uma área geográfica bastante grande, que abarca grosso modo de Beja a Toledo, ou no triângulo *Norba-Turgalium-Emerita*, todavia há casos controversos que podem alargar este território. Todos os casos conhecidos são de epigrafia romana, mas trata-se de uma divindade pré-romana. Na década de oitenta a escavação conduzida por Caballero Zoreda na igreja moçarabe de Santa Lúcia de El Trampal em Alcuéscar permitiu recuperar 50 epígrafes, votivas e funerárias que tinham sido reutilizadas no edifício. 15 eram altares dedicados a Ataegina Turibrigensis, cerca de 20 aras anepígrafas e um outro grupo com o nome do defunto em que não é mencionada divindade, possivelmente por estarem no témenos da divindade. Este local está situado entre montanhas, no vale que é abastecido por águas salúferas ferruginosas, ideal para um bosque sagrado dedicado a uma divindade salúfera e infernal que proteja a água, a natureza, a população, os bens agro-pecuários, os ctónicos e a vida do além. A situação geográfica privilegiada mostra que está situada numa via de passagem que estaria certamente favorecida desde época tartéssica e unia Norba a Metellinum. Este ponto vê-se favorecido pela confluência de cinco povos, os Lusitanos, Vetões, Célticos, Turdulus e Celtiberos.

Garcia Bellido descobriu que nas fontes clássicas em relação a Mérida é referido que num dos extremos do seu território existe um “Lucus Feroniae” ou seja um bosque sagrado. Está situado entre

montanhas no vale que é abastecido por águas salúferas ferruginosas, ideal para um bosque sagrado dedicado a uma divindade salúfera e infernal. Tudo leva a crer que o culto na romanidade teve diferenças conforme o local e a cronologia, o que é aliás compreensível e atestado pela epigrafia. Tendencialmente temos testemunhos de um culto a Ataegina mais simples e em Mérida e arredores uma situação especial em que se cultua Ataegina aproximada a Proserpina, certamente ligado às elites emeritensis e à sua apropriação do *Lucus Feroniae emeritensis*. A elite emeritensis ter-se-á apropriado do culto local agora em moldes mais fluidos que abarcariam certamente aspectos do culto indígena mas também com semelhanças com o culto da península itálica, numa clara *interpretatio* do culto indígena.

Quanto à cronologia das inscrições, existe algumas que podem ser incluídas no século I, mas a maioria é do século II e existe ainda do século III. O que é constante é o nome, o epíteto e os caprinos. A cabra/bode é o animal que se associa a Ataegina. Sabemos que se sacrificava gado a Proserpina, mas não sabemos se se tratava de caprinos. Existem na região os já mencionados ex-votos caprinos e que supõe estarem ligados ao culto, há ainda aras e árolas que tem um encaixe, como existem caprinos que tem uma espécie de pé que se pode questionar se seria para encaixar a cabra no cimo das aras ou árolas. Como comprovativo apareceram duas peças em Malpartida de Cáceres, ex-voto à Deusa Santa Turi Adaegina, uma inscrição em bronze com a cabra/bode por cima, bem como ex-voto e mais cabrinhas de bronze ou terracota noutros locais de culto. Os testemunhos epigráficos, segundo Abascal Palazón levam a pensar em vários centros de culto, pelo menos 3 santuários, tal poderia ser o caso de Mérida e seus arredores, outro próximo a El Trampal em Alcuéscar e Dehesa Zafrilla de Malpartida Cáceres onde foi encontrado os dois ex-votos em forma de cabra. No atual estado de conhecimento constatamos que não existe nenhum padrão de referência para definir os devotos de Ataegina.

1. *Lucus Feroniae*

A identificação do local por Garcia Bellido com o *Lucus Feroniae* foi reforçada após a mesma ter consultado as fontes sobre a fundação de Emérita e do seu território a aí ter encontrado a referência ao *Lucus Feroniae Augustinorum* citado por Agenio Urbico que tinha colhido a informação de Frontinus. Garcia Bellido vai justificar a presença do culto de Feroniae neste território que ela considera indubitavelmente uma *interpretatio*. Já a situação de El Trampal em Alcuéscar, reveste moldes diferentes pois não se trata aí da capital da província da Lusitânia, mas parece que as características de *Lucus Feroniae* prevalecem. Aí a igreja moçárabe foi construída com enorme quantidade de material romano reaproveitado e é provável que existisse uma gruta ou um poço fazendo parte do ritual da divindade ctónica. *Feroniae* em Itália é uma divindade sabina, cujos templos mais importantes, Capena e Tarracina, possuíam um *lucus* próprio, também situados em locais estratégicos de confluência de vias importantes, como divindade aquífera procurava a saúde e protegia a produção agro-pecuária, com inúmeros ex-votos humanos e de animais. O culto é antigo e o maior desenvolvimento surge com a ocupação de Capena e com imigrantes o que acaba por levar o culto de *Feroniae* ao campo de Marte em Roma. Importante também noutros santuários como em Sardenha e Torrecillas com termas ativas inclusive no período alto-medieval com dedicatória a Minerva nesta fase. Nos casos estudados o *lucus* e o povoado estão separados o que também acontece em El Trampal.

Em Las Torrecillas existe um importante complexo termal com 5 fases de construção com águas sulfúreas e magnéticas e donde provem uma grande cabeça marmórea de *Feroniae*, com orifício para um diadema na frente, importante dado para a iconografia de Ataegina. Aí está documentado pela epigrafia, grutas e um poço que deveria estar ligado ao oráculo. Em Tarracina *Feroniae* é identificada com

Iuno Virgo esposa e mãe de *Iuppiter Anxu* e a sua prerrogativa maior era a protecção das águas, existindo mais testemunhos epigráficos noutros locais que ligam esta divindade às águas ou como ninfa, que na terminologia latina não significa só ligada às águas, mas também aos bosques. É uma deusa silvana de ambiente aquático, talvez com ligação a Diana, mas com a sua personalidade própria. Este poder sobre o mundo subterrâneo (águas, minerais, vegetação) procede certamente do facto de ser uma divindade infernal e do bosque. Estes aspectos justificam o seu nome e os epítetos com Proserpina que Dionísio de Halicarnasso lhe aplica, *anthophóros*, *philostéphanos* e *Persephónē*. Ataegina está ligada a Proserpina e a ligação desta com flores e diademas esta bem documentada em moedas e estatuária de Mérida. (Garcia Bellido 2001: 55-58)

2. O Culto de Ataegina

Para Garcia Bellido não será de espantar que ao conhecer-se a nascente que brota da terra junto a El Trampal, e a sua situação geográfica, tenha sido este um local de eleição para um santuário. Local onde a divindade ctónica entra em contacto com a superfície terrestre e a fertiliza. As estelas deste local são como observou Abascal idênticas às grandes estelas do S.O. em tamanho e morfologia, chegam a medir 220 cm e encontram-se sobretudo na Estremadura, nos vales dos grandes rios, mas aqui não se encontraram as necrópoles correspondentes. Relativamente a esta problemática e com outros aspectos que não serão aqui abordados, já Maluquer tinha proposto que o culto a Ataegina tinha vindo a suplantar ou acompanhar outro culto a uma divindade muito mais antiga que tinha como seu animal representativo a cabra. Os testemunhos para sustentar esta hipótese provêm de Cancho Roano em Badajoz e entre os ex-votos encontrou-se resto de uma cabra em bronze que media mais de 50 cm, e os abundantes restos faunísticos de cabra, dos banquetes rituais, fazem crer que Ataegina seria uma das sucessoras desta importante divindade estremenha. Séculos depois a presença de Vetões na área denominaria e oficializaria um culto a Ataegina, cujo nome hoje parece poder atribuir-se a uma língua pré-celta, nesse Lucus de El Trampal que manteria o conteúdo sacro da divindade anterior, incluso a utilização das cabras, com inovação das aras, do nome Ataegina e eventualmente do topónimo *Turobrigensis*. Se a deusa anterior era a descrita por Estrabão como a deusa nocturna e inominada, então era um campo fértil para a interpretatio com qualquer divindade de características similares. Parece no entanto que manteve o seu carácter minimalista na imagética, carácter que permaneceu nas interpretatio de Feroniae e Magna Mater.

As 15 novas lápides de Alcuéscar vieram alterar este panorama, e possibilitam pensar este local como um importante sítio de culto. Caballero supôs que devido à profusão de achados, à sua situação particular, atrás referida de confluência de cinco povos, pelas suas características físicas e económicas este poderia ser o santuário principal da divindade. Associado a Ataegina onde estaria a cabra como animal sagrado, tendo dois exemplares de bronze, uma placa com referência à deusa, bem como a maioria das aras de El Trampal contem os orifícios para aquilo que supomos ser o encaixe das ditas representações. El Trampal situa-se a quatro km da calçada romana *ab Emérta Asturicam* no porto que unia a Meseta com a bacia do Guadiana, e outra via, supostamente o caminho mais importante da Estremadura, unia *Metellinum* com *Norba* passando pelo vale que separa a colina de Montánchez da de El Trampal, e em Arroyo Molinos encontram-se as ruínas do sítio de Los Trampales, estas ruínas tem restos arquitectónicos do período romano e água mineral salutar e ferruginosa. Mais a noroeste no sítio de Las Torrecillas em Alcuéscar, tanto Abascal Palazón como Caballero pensam ser daí que procederam os materiais reaproveitados que foram reutilizados em Santa Lúcia. A 250 m de Santa Lúcia, existe outra ermida a de Santiago, em volta da qual foram recolhidas estelas com inscrições e a menos de 1 km com o nome de S. Jorge há um sítio com escórias de ferro, sigillatas e restos tardo romanos.

De facto na zona envolvente há ampla dispersão de achados incluindo Montánchez e têm sido recolhidos importantes vestígios arqueológicos, apesar de não terem sido detetadas nenhuma estruturas importantes que se possam classificar como sendo urbanas. Há uma série de lápides reutilizadas na igreja, bem como mármore e silhares, o que levou Caballero a supor que estes materiais estariam perto na altura da construção. Abascal no entanto defendeu que as 50 aras e estelas funerárias puderam ser levadas para El Trampal, desde o sítio da Las Torrecillas que ele considera ter sido Turobriga e sede de culto e que o local onde está Santa Lúcia terá sido o Lucus Feroniae. Garcia Bellido pensa que é difícil sustentar que as 50 peças possam ter vindo de Las Torrecillas até porque foi encontrada no local mais uma epígrafe e as lápides funerárias reutilizadas são monumentais não havendo pequenas pelo que pensa ser mais credível que o material reutilizado em Santa Lúcia estivesse *in situ*. Também não subscreve a proposta de Turobriga ser aí pois firma que um topónimo em *brigga* descreve uma cidade. A cristianização do local pagão pode ser outro elemento a favor de transformações marcadas pelo fervor religioso o que também aconteceu em Itália nos primitivos centros de culto a Feroniae. Conclui-se que não há certeza para a proveniência dos materiais de Santa Lúcia e logo para a valorização exata do Lucus Feroniae. (Garcia Bellido 2001: 58-60)

Em Santa Lúcia junto às 11 aras a Ataegina encontram-se 12 anepígrafas que segundo Garcia Bellido seria possivelmente doutro povo que rende culto nesse local à divindade do *Lucus*, seria a presença de outras formas de culto num santuário de fronteira. Diferente também do culto atestado com as designações de *dea domina sancta*, também aqui a autora pensa ser outra deusa funcionalmente similar, mas não necessariamente Ataecina. Abascal Palazón subscreve esta posição, e diz que também os epítetos *sanctus/sancta* não se podem subscrever a um único culto, tal como *dea domina sancta* que está documentado na zona de Cáceres para Mercúrio e Bellona. A autora refere ainda que pensa ser impossível captar a complexidade de um santuário de tamanha longevidade e que envolvia tantos povos, em contínua transformação territorial e espiritual, supondo que Ataecina não deveu monopolizar o culto e que também não conseguiremos reconstruir a complexidade de divindades maiores, globalizantes, para as quais a cultura clássica não tinha *interpretatio directa* e só poderia recorrer de forma parcelar para facetas específicas da sua personalidade através das suas divindades especializadas como aconteceu com Astarté e Tinite, converteram-se em Demeter, Afrodite, Atenae, ou Juno, Vénus, Minerva, ou também os casos das divindades orientais, Cybele e Isis. A população de Emérita apresenta-se como uma população heterogênea de itálicos, gente de fora da Península Ibérica e indígenas. Neste cruzamento de tradições encontramos muitas divindades de origens diferentes e funcionalmente pleonásticas, diferentes no mito mas com funcionalidades idênticas, num enorme caldo cultural e cultural. Não são religiões de mistério, pois não necessitavam de iniciação e por vezes encontramos culto a divindades místicas fora do contexto do ciclo iniciático. Garcia Bellido conclui que a *interpretatio romana* da divindade do *Lucus* com *Feroniae* emeritense deve ter acontecido por ser uma divindade maior, donde sobressai ainda a importância da água, de que resulta a consequente associação às ninfas, que apesar de serem figuras secundárias na mitologia romana parecem terem desempenhado um papel importante, quanto mais não seja a nível imagético, pois a elas recorreram para colocar nas moedas da fundação de Emérita.

3. Iconografia da Divindade

Nenhuma das aras a *dea domina sancta* tem figuração, esta não figuração parece centrar-se na zona da Betúria e Lusitânia em época pré-romana onde quase não há representações de figuras humanas. Existem essencialmente cabras e algumas estelas crescentes lunares. Foi encontrada uma estela em Malpartida

com uma figura que parece um orante e que Abascal propõe ser de Ataegina, mas Garcia Bellido defende que não, e que este é um fenómeno idêntico ao que levou um lusitano a colocar na Sardenha, num ninfeu uma inscrição a Ataegina. Não parece ter existido figurações da divindade no Lucus Feroniae Emeritensis em âmbito indígena, mas sim pelos romanos que desde a fundação de Emérita entrou como deusa adoptiva, num acto comum de dominação atestado na figuração numismática das primeiras cunhagens emeritensis. Uma escultura monumental, do museu de Mérida pode representar a deusa Ataegina, trata-se de uma deusa entronizada com os pés sobre flores, no lado do trono trepam duas serpentes marcando o carácter ctónico, embora não se tenha conservado a cabeça e as mãos. Foi encontrada junto ao Mitreu, onde se tinham associado os cultos de divindades ctónicas e mistéricas e onde frequentemente se acolhia divindades indígenas, desconhecemos o nome que os emeritensis usavam para designar esta divindade, embora a funcionalidade fosse certamente a mesma da dada a Ataecina. (Garcia Bellido 2001:68-70)

Conclusão

O culto de Ataecina apresenta-se como uma situação complexa que representa um momento particular da História da Península Ibérica, em que povos e culturas muito distintas se encontraram e se “misturaram” formando uma síntese destes universos tão distintos, esta situação exige uma leitura que não seja simplista mas antes pelo contrário possa ser o mais abrangente possível. Desde logo há que referir que o que conhecemos é através de ex-votos de época romana, escritos em latim, com o nome da divindade vertido nessa língua. A síntese cultural e a materialização do culto a esta divindade tomou contornos próprios e de certa forma excepcionais (Vasconcellos 1913), como foi supra referido pelas razões apresentadas, sendo que a síntese, será mais que uma síntese, antes uma nova criação em que o todo representa mais que a soma das partes, na medida em que dos aspectos que permaneceram da divindade hispânica e da interpretatio romana, criaram-se certamente novas aceções culturais para este culto praticado tanto por indígenas como por imigrantes itálicos.

Garcia Bellido considera que se pode atestar a interpretatio romana da deusa do Lucus sob denominações como Ataecina, Proserpina, Feroniae, Dea Domina Sancta ou Salus Augusta, serão certamente versões da divindade que tinha um culto muito anterior e que certamente foi tão importante que desde a fundação de Emérita, Capital da Província da Lusitânia, foi para o panteão como Proserpina /Ataegina. É muito possível que tal como pensa Abascal o culto inicial fosse dos vetões. Bellido pensa que Turobriga possa ser em Talavedra La Vieja onde apareceram as epígrafes a Ataecina sem epítetos e donde procede a lápide de *bassus turobrigensis*. Mas onde se materializou o culto de numerosos vestígios foi no santuário na serra de Alcuéscar que detinha uma situação excepcional ao estar no enclave de cinco povos diferentes e na ligação entre a bacia do Tejo e do Guadiana. A extensão do culto pelos documentos epigráficos mostra que se dilatou por varias zonas, como foi o caso de Malpartida em Cáceres com os Vetões, em Quintos Beja com uma epígrafe que sugere haver um colégio com *magisti* ou seja um culto organizado, com os Célticos e por território Celtibero, no entanto o culto encontra-se sobretudo materializado na zona de Mérida onde possivelmente foi reproduzida na numismática como ninfa, como Ceres e chamada Proserpina. Podemos supor nessa fase, o culto particularizado com vários epítetos que nunca chegaram até nós, possivelmente um dos grandes santuários ganhou grande importância e é nos alvares da romanidade que esse culto se cristalizou na epigrafia e se expandiu com o epíteto concreto desse santuário especial, enquanto os outros desapareceram, dilatando-se por uma vasta região. A Cadeia Feroniae – Persefone – Proserpina – Ataecina, parece estar bem atestada embora tenha que se ter em conta que o culto em análise cobre uma diacronia de pelo menos 4 séculos, desde o século I a.C. ao III d.C. e que por isso reveste mutações consideráveis.

Referências

- De Hoz, J. (1986). *La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania. Manifestaciones religiosas en la Lusitania* (Cáceres 1984). Cáceres., pp. 31-49.
- García-Bellido, M. P. (2001). *Lucus Feroniae Emeritensis*. In: *Archivo Español de Arqueología*, 74, Madrid, pp. 53-71.
- Untermann, J. (1985). *Los teónimos de la region lusitano-gallega como fuente de las lenguas indígenas*. *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Lisboa 1980) Salamanca. pp. 343-346.
- Vasconcellos, J. L. de (1913). *Religiões da Lusitânia*, II. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.